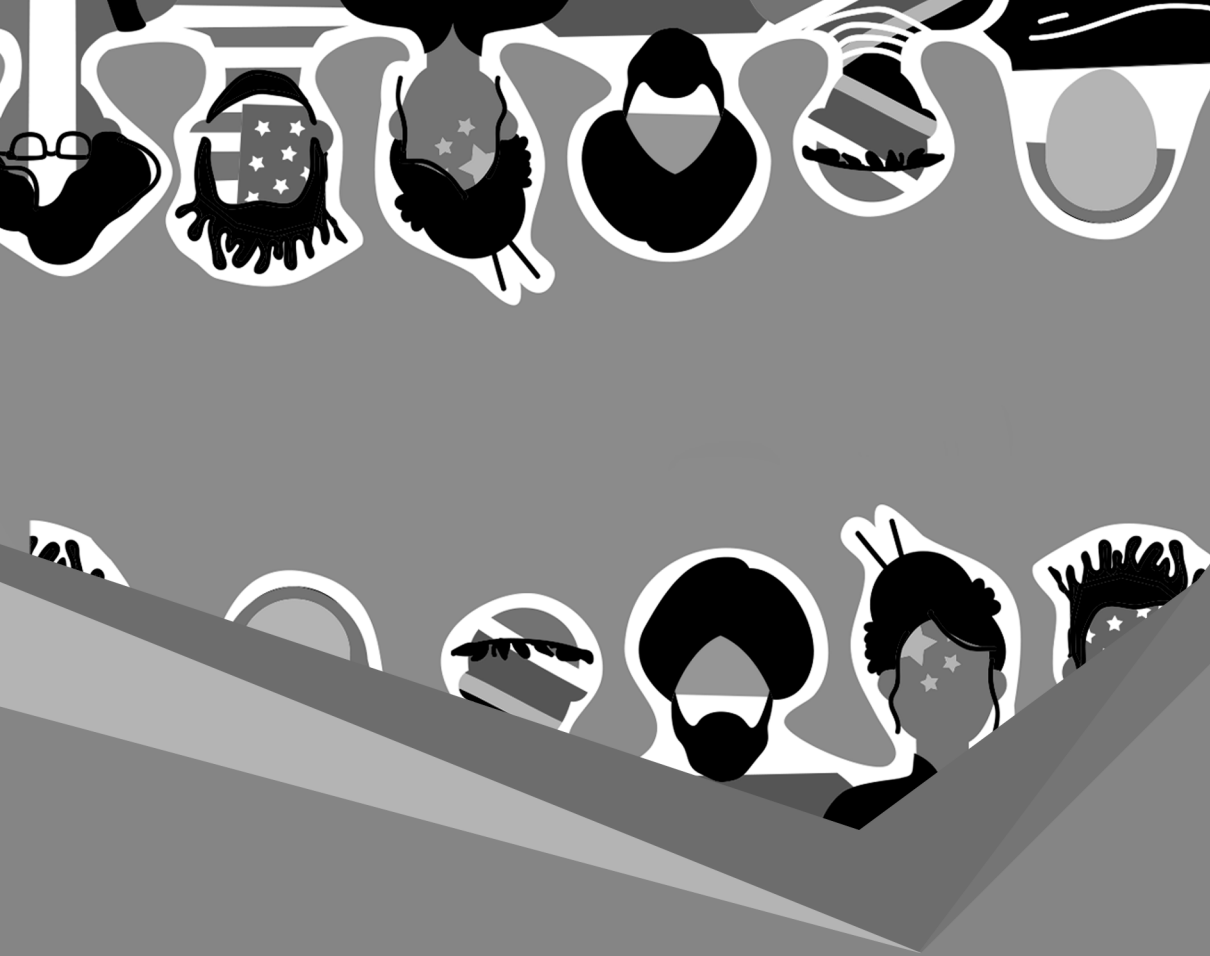




FATIMA SABRINA DA ROSA
(ORGANIZADORA)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020



FATIMA SABRINA DA ROSA
(ORGANIZADORA)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Fatima Sabrina da Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F339 Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 2 / Organizadora Fatima Sabrina da Rosa. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-487-0

DOI 10.22533/at.ed.870202610

1. Fenomenologia. 2. Cultura. I. Rosa, Fatima Sabrina da (Organizadora). II. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra apresenta uma coleção de nove textos de diferentes pesquisadores e instituições do país preocupados com questões relativas à cultura e à produção de identidades. Apresenta uma abordagem transdisciplinar e tem por objetivo a divulgação de investigações científicas com vistas à popularização da produção acadêmica e sua maior inserção social, de modo que o formato e-book favorece essa intenção por oferecer amplo acesso.

A riqueza desta coletânea reside no fato de que, tendo como ponto focal a cultura e a produção de identidades, o conjunto dos textos traz diferentes metodologias e técnicas de pesquisa entre elas a História Oral e a Arqueologia Etnográfica, bem como Análise de Discurso. Além disso, os textos aqui apresentados trazem cenários empíricos muito distintos, que atravessam o Brasil de Sul a Norte, tratando de mapear diferentes formas de vida e organização cultural, para os quais, em conformidade com a ponto de vista da fenomenologia, os autores elegeram os métodos mais adequados de investigação de acordo com o fenômeno que buscavam captar e descrever. De modo que o conjunto dos textos demonstra a amplitude do campo de investigação que abarca os estudos sobre cultura, representações sociais, identidades e seus desdobramentos. De modo que se faz necessário destacar alguns pontos importantes em cada contribuição trazida nesta coletânea.

O primeiro texto, **Representação social do manguezal durante ritual de cura/pajelança num terreiro de Tambor de Mina em São Luís, Maranhão**, traz uma importante reflexão acerca da profunda relação entre o ecossistema manguezal e as práticas religiosas da comunidade que o territorializa, bem como reflete sobre a forma como elementos fundamentais deste ecossistema se fazem representados nos rituais por eles efetuados, incidindo, por consequência, na identidade coletiva desta comunidade.

A comunicação de número dois, **Cultura e Conflito: Intersecções entre o popular e os processos de hibridização no cenário dos Bondes de Porto Alegre**, realiza uma breve apreciação teórica sobre os conceitos de cultura de forma geral, cultura popular e cultura maciça, bem como apresenta o cenário social dos Bondes de Porto Alegre (sociabilidade juvenis), os quais utilizam do conflito como forma de lograr espaços de projeção para suas identidades culturais utilizando-se de um manejo dos formatos popular e maciço em processos de hibridação.

Já o texto **Uma Proposta Contra Hegemônica: O Etnodesenvolvimento como instrumento de valorização cultural**, realiza uma importante crítica sobre a noção de Desenvolvimento Sustentável atentando para as nuances etnocêntricas e capturadas pelo discurso capitalista que o termo engendra. Em substituição, os

autores propõem o paradigma do etnodesenvolvimento, segundo o qual seguiriam preservadas as práticas e crenças das comunidades tradicionais, possibilitando o desenvolvimento associado à autonomia cultural.

Do mesmo modo, a relação entre cultura e desenvolvimento aparece na investigação **Feiras Agroecológicas: que relações se desenvolvem nesses espaços?** na qual os autores apresentam as estruturas relacionais que se organizam a partir de formas de produção, comércio e consumo não-convencionais. O Estudo de Caso, levado a cabo com famílias de uma associação de produtores agrícolas e seus respectivos clientes, ressaltou as relações sociais intrínsecas em que vínculos são construídos e reforçados na interação promovida pelas feiras.

O texto **A Complexidade dos Direitos Humanos em educação no processo migratório da América Latina** realiza um debate acerca do tema do multiculturalismo na América Latina, associado com o tema da educação em Direitos Humanos e da teoria da complexidade. Para tanto realiza uma breve pesquisa bibliográfica que abarca questões ligadas a globalização como as migrações recentes e a urgência de pensar a educação levando em consideração esses novos contextos multiculturais.

A semelhança do que acontece com o primeiro texto da coletânea, a investigação etnográfica **Os Ribeirinhos do Rio Mapuá, Arquipélago de Marajó: modos de vida, cosmologia, práticas materiais e simbólicas** resalta a relação entre os elementos do território habitado e as práticas materiais e simbólicas perpetradas pela comunidade. Além disso, a relação passado/presente e a noção de memória é destacada pela autora para descrever a forma como as comunidades tradicionais do Mapuá significam suas práticas e configuram sua identidade cultural.

De modo semelhante, a noção de memória aparece destacada no texto **Manuel Bandeira e os prenúncios da morte**. Nesta análise, a noção de memória é trazida para explicitar a forma como a identidade de Bandeira se constitui numa relação tensa entre passado e presente, bem como na ausência de futuro. Desse modo, o texto convida o leitor a observar trechos da obra de Bandeira em que as representações sociais sobre a morte e a memória de episódios ligados a perdas afetivas constituem um processo de formação da identidade do autor.

Ainda refletindo sobre a memória na formação das identidades, a comunicação **Mídia, narrativas e memória transfronteiriça na vivência pessoal**, trata de explicitar a forma como as memórias individuais se entrelaçam com experiências coletivas na formação de identidades e representações de pessoas que vivenciaram o contexto de fronteira no estado do Rio Grande do Sul. Essa narrativa é construída a partir da descrição do processo de construção de um documentário realizado com os entrevistados em questão.

Também ambientada em um contexto fronteiriço, a comunicação **Preâmbulo**

da queda do presidente do Paraguai na TV brasileira e no imaginário da fronteira Paraguai-Brasil é didática na forma como apresenta a interferência das representações midiáticas no modo como as identidades nacionais são concebidas. A análise traz trechos de discursos da mídia e de entrevistas realizadas pela autora, em ambos lados da fronteira, nos quais se destacam as interferências promovidas pelas informações veiculadas na maneira como a população paraguaia e brasileira passa a ver a situação política no país vizinho, a qual se relaciona com a forma como configuram sua identidade cultural.

Embora tratem de contextos e métodos muito diferentes, cabe destacar que as investigações aqui apresentadas convergem no sentido de apresentar a noção de representações sociais como fundamental para a configuração das identidades e da forma como indivíduos se veem e se inserem no mundo de forma individual ou coletiva.

A pesquisa e a escrita que envolve o tema da cultura e das representações exige, acima de tudo, um olhar sensível e atento às especificidades das coletividades observadas. Ainda que utilizando diferentes abordagens, o somatório dos trabalhos ressalta a importância das formas de organização coletiva, das relações, representações sociais e da memória na produção e manutenção das identidades culturais. Nesse sentido, acredita-se que a coletânea oferece a possibilidade de perceber a amplitude do campo de investigação da cultura e compreender a riqueza do trabalho elaborado a partir da inserção atenta e comprometida com contexto de estudo e os sujeitos envolvidos.

Fatima Sabrina da Rosa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO MANGUEZAL DURANTE RITUAL DE CURA/ PAJELANÇA NUM TERREIRO DE TAMBOR DE MINA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO	
Flávia Rebelo Mochel	
Edson Vicente da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8702026101	
CAPÍTULO 2	16
CULTURA POPULAR E OS BONDES: INTERSECÇÕES ENTRE O POPULAR E OS PROCESSOS DE HIBRIDIZAÇÃO	
Fatima Sabrina da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8702026102	
CAPÍTULO 3	28
UMA PROPOSTA CONTRA HEGEMÔNICA: O ETNODESENVOLVIMENTO COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL	
Leonardo Augusto Couto Finelli	
Rânely Nayara Pereira Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8702026103	
CAPÍTULO 4	36
FEIRAS AGROECOLÓGICAS: QUE RELAÇÕES SE DESENVOLVEM NESSES ESPAÇOS?	
Adilson Tadeu Basquerote	
Eduardo Pimentel Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8702026104	
CAPÍTULO 5	45
A COMPLEXIDADE DOS DIREITOS HUMANOS EM EDUCAÇÃO NO PROCESSO MIGRATÓRIO DA AMÉRICA LATINA	
Rosa Elena Bueno	
Araci Asinelli-Luz	
Adão Aparecido Xavier	
Jenifer Cristina Bueno	
Alessandra de Paula Pereira	
Tatiane Delurdes de Lima-Berton	
DOI 10.22533/at.ed.8702026105	
CAPÍTULO 6	55
OS RIBEIRINHOS DO RIO MAPUÁ, ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: MODOS DE VIDA, COSMOLOGIA, PRÁTICAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8702026106	

CAPÍTULO 7	68
MANUEL BANDEIRA E OS PRENÚNCIOS DA MORTE Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.8702026107	
CAPÍTULO 8	79
MÍDIA, NARRATIVAS E MEMÓRIA TRANSFRONTEIRIÇA NA VIVÊNCIA PESSOAL Ada Cristina Machado Silveira Bernardo Abbad da Rocha Suélen de Lima Lavarda DOI 10.22533/at.ed.8702026108	
CAPÍTULO 9	89
PREÂMBULO DA QUEDA DO PRESIDENTE DO PARAGUAI NA TV BRASILEIRA E NO IMAGINÁRIO DA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL Roberta Brandalise DOI 10.22533/at.ed.8702026109	
SOBRE A ORGANIZADORA	105
ÍNDICE REMISSIVO	106

CAPÍTULO 6

OS RIBEIRINHOS DO RIO MAPUÁ, ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: MODOS DE VIDA, COSMOLOGIA, PRÁTICAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 05/07/2020

Eliane Miranda Costa

Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário do Marajó-Breves
<https://orcid.org/0000-0002-5036-3147>

RESUMO: O texto preocupa-se em discutir os modos de vida, cosmologia e saberes dos povos ribeirinhos do rio Mapuá, arquipélago de Marajó, PA. Este grupo social por meio da tradição oral ressignifica cotidianamente suas práticas materiais e sociais na relação com o rio, a floresta, o meio ambiente varzeiro, as diferentes pessoas e a materialidade. Neste empreendimento, na trilha da História Oral procuro saber o que os ribeirinhos narram sobre as práticas materiais, a experiência, a cosmologia e os saberes culturalmente herdados. As narrativas orais me conduziram a escuta e análise das memórias, permitindo-me uma melhor compreensão e contextualização das informações. Combinando dados empíricos e base teórica demonstro ser o modo de vida dos ribeirinhos historicamente marcado pelas práticas tradicionais reeditadas cotidianamente nas bordas da racionalidade científica eurocêntrica. É um processo produzido e enraizado com a especificidade da várzea, o ritmo das águas, os saberes herdados e ressignificados e pelos laços de parentesco e vizinhança. Nesse movimento o rio, a floresta e a várzea são transformados em lugares

comuns, ambientes sínteses da cultura e base de reprodução material dos ribeirinhos. Daí afirmar que o modo de vida desse grupo é configurado pela dinâmica cosmológica, ambiental e material.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas orais; Práticas materiais e simbólicas; Ribeirinhos; Mapuá.

THE RIBEIRINHOS DO RIO MAPUÁ, ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: WAYS OF LIFE, COSMOLOGY, MATERIAL AND SYMBOLIC PRACTICES

ABSTRACT: The text is concerned with discussing the ways of life, cosmology and knowledge of the riverside peoples of the Mapuá River, archipelago of Marajó, PA. This social group, through oral tradition, daily re-signifies it's material and social practices in relation to the river, the forest, the varzeiro environment, the different people and materiality. In this enterprise, on the trail of Oral History I try to know what the riverside people narrate about material practices, experience, cosmology and culturally inherited knowledge. The oral narratives led me to listen and analyze the memories, allowing me to better understand and contextualize the information. Combining empirical data and theoretical basis, I demonstrate that the riverside inhabitants' way of life historically been marked by traditional practices reedited daily on the edges of Eurocentric scientific rationality. It is a process produced and rooted with the specificity of the floodplain, the rhythm of the waters, the inherited and reframed knowledge and the ties of kinship and neighborhood. In this movement, the river, the forest and the floodplain are transformed

into common places, synthesis environments of culture and the base of material reproduction of riverside dwellers. Hence, to affirm that the way of life of this group configured by the cosmological, environmental and material dynamics.

KEYWORDS: Oral narratives; Material and symbolic practices; Ribeirinhos; Mapuá.

1 | INTRODUÇÃO

O texto trata do modo de vida dos ribeirinhos do rio Mapuá, município de Breves, arquipélago de Marajó, Estado do Pará. Tem por objetivo identificar elementos das práticas materiais (inclui os vestígios arqueológicos), das experiências cosmológicas (envolvendo a relação com o sobrenatural) e dos saberes culturalmente herdados pelos ribeirinhos. Adoto o termo ribeirinhos, não por causa desse grupo viver às margens do rio, mas pela relação que o grupo estabelece com o meio ambiente amazônico e marajoara (MACHADO, 2011; COSTA, 2018).

Na paisagem geográfica do município de Breves, o rio Mapuá caracteriza-se como um dos rios mais extensos e importantes, em termos históricos. Em suas entranhas identifica-se vestígios de diferentes ocupações, em especial, dos povos indígenas. É conhecido tanto como um lugar de difícil acesso e distante do núcleo urbano, quanto um lugar de natureza exuberante, composta por uma densa e rica floresta, diversos lagos de água gélida e preta, feito Coca-Cola, para operar com metáfora e ponto de vista local (GEERTZ, 2007). É ainda um lugar de muitas histórias e memórias, marcadas pelas lembranças e vestígios das ações humanas construídas pelos antepassados, bem como pelas vivências e produções históricas e materiais no presente.

No passado, de acordo com as pesquisas arqueológicas e históricas, o arquipélago de Marajó, aqui chamado de Amazônia Marajoara, era habitado por várias nações indígenas, as quais foram em parte dizimadas pela colonização europeia iniciada no século XVI. Essas nações eram agrupadas em Aruã e Nheengaíba. Aruã, no lado oriental, falante de língua Arawak, adentrou no Marajó 200 anos antes da colonização e, do lado ocidental, o grupo Nheengaíba, assim batizado pelos colonizadores por falarem diversas línguas incompreensíveis (SCHAAN, 2009). As pesquisas feitas até então, permitem presumir que este grupo, formado por 29 nações indígenas diferentes (Anajá, Mapuá, Pacaucaca, Guajará e outros), pode ter migrado dos Andes para o Marajó (SARRAF-PACHECO, 2009; SCHAAN, 2009).

Para pesquisadores como Sarraf-Pacheco (2009), as nações indígenas marajoaras estabeleceram constantes disputas, trocas e interações materiais, culturais e simbólicas, entre si, com outros grupos e a natureza. Com a chegada dos portugueses e outros europeus (franceses, espanhóis), bem como africanos (trazidos como escravos), apesar do genocídio indígena, é possível dizer que as

interações se alargaram, o que faz do Marajó uma zona de contato interétnico (SARRAF-PACHECO, 2009).

Em fins do século XIX, com o desenvolvimento da economia gomífera e a promessa de riqueza fácil migraram para essa região, além de comerciantes portugueses (que se tornaram seringalistas), uma leva de nordestinos (em especial, cearenses fugindo da seca) para trabalhar com a extração do látex (LIMA, 2013). Vestígios dessas ocupações podem ser encontrados em sítios arqueológicos (cemitério indígena, cemitério de sepultamento antigo), como também evidenciadas nos traços culturais, experiências e práticas materiais desenvolvidas pelos ribeirinhos na atualidade.

Daí afirmar que a origem desse grupo pode estar associada às tradições indígenas, africanas e europeia em simbiose. Registra-se que atualmente, o grupo social do Mapuá, é formado por cerca de 900 famílias, em sua maioria, ligadas por laços afetivos, de parentescos, compadrio e vizinhança, reunidas em comunidades de pequena escala (BEZERRA, 2011). No ritmo da maré esse grupo aprendeu a manejar o rio, a floresta e a construir seu modo de vida ribeirinho, o qual procuramos aqui conhecer.

Este texto resulta de minha pesquisa de doutorado realizada entre 2014 a 2018 nesta região. Não consiste em uma discussão completa, nem segue uma linearidade; ao contrário, são reflexões incompletas geradas da combinação empírica com a teoria, a partir de autores como Braudel (2016), Mauss (2003), Sarraf-Pacheco (2009) e outros. Tais autores contribuem para entendermos o modo de vida ribeirinha como uma construção em conexão com o ambiente amazônico.

Os autores corroboram, também, para inferir ser o pensamento moderno de orientação cartesiana, insuficiente para compreendermos a diversidade de lógicas que circundam à vida, os saberes, às tradições e as práticas materiais, culturais e sociais dos ribeirinhos. Nessa dinâmica a oralidade caracteriza-se como importante canal de compartilhamento e ressignificação, entre as diferentes gerações, das tradições culturais que, em conexão com o meio natural, não se dissociam de elementos religiosos, mitológico, sistema de parentesco, simbólicos e cosmológicos.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa segue pelo rastro da História Oral Temática e Arqueologia Etnográfica. Ambas, configuram-se como vertentes da pesquisa de abordagem qualitativa, pois, lidam com um universo de significados impossíveis de serem reduzidos a variáveis mensuráveis. A História Oral é aqui sustentada nas memórias, lembranças e experiências dos ribeirinhos. Essa vertente metodológica, possibilitou-me a escuta e a análise das memórias dos interlocutores que, por conseguinte,

conduziu-me a uma melhor compreensão e contextualização dos dados obtidos com as narrativas orais.

A fonte oral, como assinala Portelli (2016), resulta de uma troca dialógica entre interlocutores e pesquisadores. Na prática, isso significa que as narrativas orais, que sustentam nossa discussão, não são memórias estáticas e desconexas; ao contrário, são lembranças configuradas no momento das entrevistas e, portanto, influenciadas pelas condições materiais e simbólicas. A memória é, dessa forma, um produto sobre o passado forjado no presente, o que ocorre por meio da rememoração, gerada a partir de algum estímulo que, conforme Bosi (1999), pode ser uma pergunta, uma imagem, um lugar, um comentário e a presença do/a pesquisador/a.

Entendo que, a memória caracteriza-se como uma herança cultural ressignificada a cada geração, em uma dinâmica que integra passado e presente. Daí dizer que as memórias narradas por cada interlocutor desta pesquisa são em si negociações com o grupo pertencente e ressignificadas de acordo com o contexto vivido. Tais narrativas foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente com sete pessoas adultas e idosas (três mulheres e quatro homens) na faixa etária entre 45 a 102 anos, selecionadas por saberem contar sobre a história do lugar e terem ouvido falar sobre a existência de material arqueológico.

Para realizar as entrevistas acordei, antecipadamente, com cada interlocutor o horário e o local das mesmas. No ato das entrevistas entreguei aos depoentes o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, informando sobre os objetivos da pesquisa e o uso das informações para fins científicos. Durante as entrevistas fiz uso de um roteiro semiestruturado, conforme modelo, proposto por Rizzini et al (1999), o qual confere maior liberdade ao pesquisador para inserir no transcurso das entrevistas questões que se fizerem pertinentes.

Todas as entrevistas foram gravadas conforme o consentimento dos entrevistados, e transcritas de forma literal. Neste texto uso trechos dessas entrevistas procurando atender os objetivos propostos. Os interlocutores estão identificados com as iniciais dos próprios nomes, conforme autorização. Adotei tal critério como medida para que os interlocutores tenham a identidade preservada, e, ao mesmo tempo, assumam a autoria de suas memórias e histórias narradas.

Recorri ainda às observações etnográficas capturadas entre maio de 2015 e dezembro de 2017, devidamente registradas no diário de campo. O registro de tais observações segue a orientação da Arqueologia Etnográfica. Castañeda (2007) comenta que a Arqueologia Etnográfica, preocupa-se com o entendimento dos contextos sociais, das agências e dos processos de engajamento com o mundo, elementos que envolve múltiplos pontos de vistas.

Além das narrativas orais e observações etnográficas fiz uso de algumas imagens capturadas durante a inserção em campo. As imagens são aqui consideradas narrativas visuais, com a perspectiva de ampliar a comunicação e expressão acerca do comportamento cultural estudado. Apoiada em Boni e Moreschi (2007, p. 139), entendo que “a fotografia não é um suporte da pesquisa, mas são imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural”, permite assim, compreender aspectos culturais e materiais, não evidenciados por outras técnicas de pesquisa.

Os dados empíricos foram analisados à luz da corrente pós-processual. Nesta corrente, privilegia-se a superação das dicotomias estabelecidas e defende a existência de uma relação dialética entre passado e presente. O pesquisador tem nesse movimento o papel de interpretar o passado a partir do presente com diferentes perspectivas, sobretudo, de refletir criticamente sobre o presente (HODDER, 1994). Isso significa tecer elucubrações acerca do passado que venham contribuir com a comunidade na construção de conhecimentos críticos. Nesse movimento, o contexto, as coisas e sua agência, bem como as tradições culturais, são processos e não produtos de um passado frigorificado.

3 | RESULTADOS ALCANÇADOS

3.1 Os ribeirinhos e as práticas culturais, materiais e simbólicas

Os ribeirinhos do rio Mapuá, como mencionado anteriormente, é um grupo social formado por diferentes famílias ligadas entre si por laços afetivos, de parentesco, compadrio e vizinhança. Ao longo dos tempos, essas famílias aprenderam a manejar com o rio, a água e a várzea, de modo a concretizar suas necessidades materiais, culturais, intelectuais e espirituais.

Ancestralmente, tais famílias podem estar ligadas aos povos indígenas, habitantes desta região quando os europeus aqui chegaram. Vestígios dessa ocupação podem ser encontrados, principalmente, em dois sítios de cemitério indígenas; um situado na localidade vila Amélia (registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN)) e um localizado na vila Canaticum, identificado pela autora desta pesquisa em dezembro de 2018 (ainda não registrado pelo IPHAN).

Outros ancestrais dessas famílias são os portugueses e nordestinos que chegaram ao Mapuá no final do século XIX e início do século XX para trabalhar com a extração do látex, comércio promissor da época. Um símbolo desse período, e que se destaca entre as comunidades, é um casarão construído todo em madeira de lei na década de 1950, por um dos patrões (comerciante nordestino) da borracha na vila e comunidade Santa Rita.

Esse casarão na atualidade provoca no imaginário local diferentes interpretações e significados. Podemos dizer que é lugar de memória (NORA, 1993) e território de assombração dos ribeirinhos, como se verifica no seguinte relato:

Aqui neste Casarão, tem o homem de branco [...]. Era umas sete horas da noite, era eu e dois compadres meu tomando banho [...]. Quando estava passando sabonete, de repente olhamos lá para cima, tem aquelas duas janelas na frente, aquele cara todo vestido de camisa branca. Eu meio ceguinho, o Raimundo olhou e disse, olha aquele cara de branco na janela do lado direito, mas não chegou aqui, veio por trás. O outro disse vamos ver quem é. Eu disse: olha, vamos fazer o seguinte, vão pela frente [...], eu vou por trás, se for alguém querendo fazer medo, vamos assustar ele. Aí subimos e nos encontramos no corredor, entramos e os quartos estavam com as portas fechadas e não tinha ninguém. (O.M. 63a, 2017).

De acordo com as memórias dos interlocutores, no passado, esta casa, que abrigava a família do patrão, era visitada por muita gente, “era seringueiros que trazia borracha [...], muitas vezes pernoitava na casa do patrão; era também gente da cidade que vinha comprar borracha aí” (V. P, 98a, 2017).

Essas memórias e a materialidade ajudam a identificar a presença de pelo menos duas ancestralidades (uma milenar e uma secular), que, como mencionado, dão origem ao grupo social que ocupa atualmente às margens do rio Mapuá. Esse grupo vive em casas isoladas e, também, agrupados em vilas e comunidades. Ao todo são 16 comunidades, a saber: Bom Jesus, São Sebastião do Mapuá-Miri, Nossa Senhora de Nazaré do Mapuá-Miri, Rosa Mística, Nossa Senhora das Graças, conhecida por Vila Amélia, São Benedito do Mapuá, Perpétuo Socorro, Santa Rita, São José, Assembleia de Deus, São Sebastião do Canta Galo, Santa Maria, Perpétuo Socorro do Canaticum, Nossa Senhora de Nazaré, chamada de Nazaré do Jacaré, Santíssima Trindade, São José do Aramã e São Benedito do Aramã.

Comunidade¹, para esse grupo, significa muito mais que proximidade geográfica, refere-se à relação que estabelecem com o sagrado, exemplificado pelos nomes das comunidades, como também pelos laços de parentesco, compadrio e interesses políticos e econômicos (COSTA, 2018).

Economicamente, essas famílias vivem da extração da madeira, do palmito e, principalmente, da produção da farinha de mandioca e da exploração do açaí. Além dessas atividades, identifica-se ainda a prática da caça, da pesca artesanal e a

1 Em comunidades, os ribeirinhos relatam que, em defesa da permanência no território tradicionalmente ocupado (ALMEIDA, 2007), reivindicaram a criação de uma Reserva Extrativista. Assim, por meio de decreto presidencial s/n., em 20 de maio de 2005, o governo federal criou a Resex-Mapuá (BRASIL, 2005), que no ponto de vista dos interlocutores garantiu a eles o direito de permanência e acesso ao território, bem como permitiu “libertarem-se” das ameaças do patrão (comerciante, que se intitulava dono do Mapuá e dos ribeirinhos). E um dos elementos fundamentais nessa luta foi exatamente “a força da comunidade” (A.G., 63a, 2015).

criação de animais de pequeno porte, chamados de *xerimbabos*, e em alguns casos a criação de uma ou duas cabeças de gado bovino. Cada atividade é realizada em uma determinada época do ano, ou seja, no inverno ou verão amazônico.

O inverno amazônico começa em meados de dezembro e, quase sempre, encerra no final de maio ou meados de junho. Nesse período, conhecido como chuvoso, além da exploração da madeira, as famílias concentram-se em produzir à farinha de mandioca, explorar o palmito, coletar o *miriti* (fruto do *miritizeiro*, palmeira típica da Amazônia e de outras regiões brasileiras. Porém, nas demais regiões e Estados este fruto é chamado de *buruti*), o *tapereba* (conhecido em outras regiões como cajá), entre outras frutas típicas da região, usadas no consumo.

A partir do final de maio, quando o tempo se abre um pouco e o rio começa a secar, a terra passa a ser preparada para o plantio da roça, atividade que ocorre de fato a partir de julho quando a terra fica mais seca devido ao forte sol do verão amazônico. Nesta temporalidade, também se pratica a caça, a pesca (feita sobretudo nos lagos, com o uso de diferentes artefatos, a exemplo do *cacuri* - armadilha feito de tala colocado à margem do rio para capturar peixes -, da rede de malha, caniço entre outros) e a exploração do fruto do açaí, consumido e comercializado. A farinha e o açaí são, na verdade, os principais alimentos da cesta básica dessas famílias, como são, também, a moeda de troca para se adquirir os demais produtos da cesta básica.

Observa-se que a água é, nesse círculo, o motor da vida, então para o ribeirão marajoara significa tudo: tempo, clima, “união, transporte, troca, aproximação” (BRAUDEL, 2016, p.375), formação, trabalho, diversão, escassez, interação com o natural e o sobrenatural. Nessa dinâmica socioespacial e temporal, o território é assumido como espaço de uso múltiplo dos recursos envolvendo a prática da agricultura familiar, o extrativismo dos recursos da floresta. O rio (chamado ainda de igarapés, braços e lagos) a floresta e à várzea dentro dessa cosmologia de uso são transformados em lugares comuns, ambientes sínteses da cultura e a base de reprodução econômica e material dessas famílias.

Daí dizer que o território não é somente o espaço geográfico de onde as famílias retiram os recursos que garante à manutenção da vida. É, também, o palco de acontecimentos culturais, o que significa que abarca diferentes histórias e memórias afetivas, materiais, religiosas, coletivas e individuais tecidas pelas diferentes gerações a partir dos contatos e relações construídas.

Para Alencar (2007, p. 98) “é o grupo social que constrói e dá significado ao lugar, e cada grupo constrói sua identidade a partir dos vínculos de parentesco que unem as famílias entre si e estas como o lugar aberto pelo ancestrais”. O pertencimento ao lugar e ao grupo de parentesco é o que credencia o indivíduo ter acesso ao território e aos recursos naturais e isso funciona como uma espécie de

mapa cognitivo, o qual serve para orientar as relações entre as pessoas e, dessas, com o ambiente (ALENCAR, 2007) e com a cultura material, produzida e utilizada nas diversas práticas.

Nessa dinâmica de relações e construções podemos dizer que o território geográfico abarca outros territórios, a exemplos dos territórios sagrados, carregados de simbologias e significados cosmológicos como é o caso da “Cruz Milagrosa” (figura 1), situada às margens esquerda do rio braço do Socó, afluente do rio Mapuá.



Figura 1 – Cruz Milagrosa às margens do rio braço do Socó, Mapuá.

Fonte: Eliane Costa (2015).

Nesta cruz, moradores local e visitantes, penduram coisas, em especial roupas para agradecer a dádiva recebida, como se observa na figura acima. Entre as oferendas identificamos vestidos de mulheres grávidas, sapatinhos de recém-nascidos, entre outros. Observamos que as oferendas mantêm as pessoas em sintonia com os espíritos da floresta e do rio, bem como com as coisas, o lugar e a memória.

Este artefato simbólico-religioso é um considerado um território sagrado e poderoso, de grande importância espiritual às famílias ribeirinhas do Mapuá e de outras localidades. De acordo com os interlocutores, ao longo do ano, pessoas das comunidades próximas e de outros lugares (como Macapá, Belém) recorrem a esta cruz para se curar dos infortúnios, as enfermidades do corpo e da alma, bem como arrumar casamento, entre outros. Em troca da graça atendida costuma-se pendurar fitas, roupas, bem como ascender velas, soltar fogos e orar. Estabelecem, assim, uma relação de troca material, espiritual e simbólica (MAUSS, 2003), o que se verifica ainda nas práticas de cura dos benzedores locais, bem como nas narrativas sobre visagens e assombrações, que aguçam e dão vida ao imaginário e a história

do lugar.

A origem dessa Cruz é um enigma. No imaginário local identifica-se ao menos duas versões, uma que se trata da sepultura de um ex-seringueiro, que, após muitos dias doentes e abandonado a própria sorte morreu, sendo encontrado tempos depois com o corpo em decomposição e, que por isso, foi sepultado ali mesmo. Meses depois, um seringueiro conhecido foi morar nas proximidades da sepultura. Durante uma forte seca (os lagos e braços secaram), tal seringueiro precisando entregar a borracha ao patrão e fazer a compra do mês, olhou para a cruz e invocando o nome do morto lhe prometeu que se o fizesse chover, de modo que o lago enchesse, acenderia uma caixa de velas. Na madrugada uma enorme chuva se formou enchendo todos os lagos, com isso o promesseiro foi a taberna do patrão e como prometido comprou e acendeu as velas, desde então tornou-se uma cruz milagrosa.

Na segunda versão, tem-se um homem desconhecido encontrado morto por moradores que se estavam caçando na área. Como já estava em decomposição enterraram no local encontrado. Meses depois, quando um padre passava em visita (chamada de desobriga) foi levado ao local para encomendar a alma do morto. Este padre, após oração, estabeleceu que a partir daquela data a cruz seria milagrosa.

Durante o período da borracha muitos seringueiros, a maioria migrantes nordestinos, no interior da Amazônia morreram no meio da floresta e, sem nenhuma assistência, eram enterrados de qualquer forma, quase sempre, em covas rasas por outros seringueiros, os quais normalmente colocavam uma cruz para sinalizar o enterro. É provável que a origem desta Cruz, artefato milagroso dos mapuaenses, esteja relacionado aos seringueiros que migraram para essa região durante o boom da borracha. Transformar essa cruz em milagrosa pode ser uma forma encontrada pelos moradores para resistir aos infortúnios provocados pela exploração e violência imposta pelos empresários.

Independentemente de sua origem, esse artefato como relatado, representa para muitas famílias possibilidade de cura, como se observa na narrativa abaixo:

Eu fui ofendido de inseto nessa perna [aponta para a perna esquerda] aqui. Aí em dois dias tufou na cissura tufou um caroço assim [fez gesto mostrando que era grande]. Me peguei com a Cruz Milagrosa se ela fizesse com que esse caroço vazasse, mas não abrisse a ferida eu pagava a minha promessa [...]. Aquilo estava assim igualmente uma banda de limão aquela fase para fora, quando foi no outro dia amanheceu sequinho, aí foi indo, foi indo vazou aquela água e não abriu a ferida. Eu fui lá e soltei a dúzia de foguete que eu prometi para ela (A.B, 63a, 2017)

Com base Mauss (2013) compreendo que a relação dos ribeirinhos com esse artefato é baseada em misturas das coisas com a alma, ou seja, em um contrato

e troca material, espiritual e simbólica. Em outros termos, a Cruz tem como papel mediar uma relação integrada entre humanos e não-humanos, prática fundamental para questionarmos as leituras lineares e dicotômicas sustentadas pela ciência de orientação cartesiana.

Registra-se que a Cruz Milagrosa não é o único artefato de fé. Há, na verdade, uma variedade de coisas “sagradas” que permeiam a dimensão cosmológica e espiritual dos mapuaense. Nas igrejas e nas casas, as famílias mantêm várias imagens de santos, que se apresentam como artefatos sagrados. Em suas casas, observa-se a existência de oratórios, quase sempre colocados no canto da sala ou no corredor, onde as imagens ficam expostas, acompanhados de velas e fitas, configurando-se como espaços sagrados.

Os artefatos e os espaços por eles ocupados, isto é, às margens do rio, onde a Cruz Milagrosa habita, o canto das salas ou corredores das casas, onde ficam os oratórios, com as imagens dos santos e as igrejas, caracterizam-se como territórios sagrados. Nesses territórios os ribeirinhos estabelecem uma espécie de conexão com o cosmo, o transcendental, cuja cultura material, definida como artefato, assume papel de mediação. A cultura material como assinala Miller (2013) tem papel ativo e não está separada das pessoas, isto é, das suas práticas, de suas experiências e vivências.

Dentro desse quadro, a relação dos ribeirinhos com a flora e a fauna amazônica baseia-se em uma ontologia relacional, em que a natureza determina a cultura e, ao mesmo tempo, é determinada pela cultura. Um processo que envolve vínculos históricos e um modo de vida materializado em diálogo simétrico com a dinâmica ambiental (LATOURET, 2009). Isso mostra que a relação com a natureza reflete na construção identitária das famílias e suas comunidades, fundamental para questionar as bases da ciência moderna de orientação eurocêntrica.

Observa-se que, nesse movimento, trabalho e religiosidade configuram-se como fatores de forte interferência na forma de como os ribeirinhos ocupam os espaços, bem como o praticam e socializam. A religiosidade pode ser inclusive interpretada como a voz que atravessa as demais dimensões da vida. Fato que pode ser evidenciado na força do catolicismo popular (o que explica os nomes das comunidades) e na relação com o sobrenatural. Aliás, é possível dizer que, a perspectiva cosmológica que integra elementos da tradição indígena e do catolicismo é mediada por poderosos artefatos da cultura material dos moradores, com destaque para a Cruz Milagrosa, as imagens de santos e as diferentes oferendas.

Embalados pela tradição oral, no acontecer das relações humanas e não-humanas cotidianamente, os ribeirinhos do rio Mapuá utilizam um conjunto de “coisas” à maioria produzidos com recursos retirados da floresta. Assinala-se que essas “coisas” não desempenham apenas uma função utilitária ou são suportes

identitários, mas caracterizam-se como mediadores da vida social (APPADURAI, 2008). Na dinâmica de rio e floresta, como é a realidade em estudo, a cultura material carrega simbologias e significados não apenas das pessoas, mas, sobretudo do território.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões pautadas na combinação entre o referencial teórico e os dados empíricos permitiram-me, neste texto, conjecturar ser o modo de vida ribeirinha uma construção resultante das relações interétnicas atravessadas por conflitos, trocas materiais e simbólicas. É um modo de vida configurado pela dinâmica cosmológica, ambiental e material. Ao longo, dos tempos, os ribeirinhos têm feito diferentes usos e apropriações do espaço, das práticas tradicionais, atribuindo-lhes outros sentidos e significados numa intensa relação temporal em que passado e presente apresentam-se intensamente conectados (HOLTORF, 2007).

Percebe-se que o volume de água varia conforme a estação do ano e maré, influenciando diretamente na maneira como as famílias têm ocupado o espaço para construir suas casas, fazer a roça, retirar os produtos da floresta e até para acessar a cidade e as demais localidades. Em outras palavras é uma dinâmica que afeta as formas como as famílias se relacionam com o meio ambiente amazônico e a materialidade em diferentes temporalidades. Porém, não se reduz a um determinismo ambiental rígido, pois, no decorrer de cada estação, os ribeirinhos aprenderam a criar estratégias para manejar o rio e a floresta. Desenvolveram práticas que estão assentadas em tradições, saberes e experiências herdadas, inventadas e recriadas a partir das várias relações, encontros e cruzamentos estabelecidos (HOBSBAWM, 2006).

O Mapuá é, desse modo, uma zona de contatos interétnico, sociocultural e de afetos, onde as famílias ribeirinhas vivem, criam suas histórias, memórias, desenvolvem suas práticas, costumes, hábitos etc. Isso demonstra que o Mapuá, não pode ser interpretado unicamente como um espaço geográfico, mas também como um território histórico, material, social e culturalmente construído e modificado pelo trabalho das diferentes gerações.

Caracteriza-se ainda como um espaço sociocultural, por intervir na forma de ocupação e formação dos habitantes que viveram e vivem em suas margens. Em outras palavras, o Mapuá é um território com múltiplos significados e simbologias criadas e recriadas pelos ribeirinhos, como um grupo social no presente, em conexão com o ambiente amazônico e demais sujeitos/grupos.

O texto mostrou que, embora, a região marajoara, como toda a Amazônia, tenha ficado refém dos designios dos colonizadores (que nos dias atuais pode

ser explicado pela precariedade estrutural), não deixou de resguardar em suas entranhas, vestígios, histórias e memórias das nações indígenas como construtoras desse território. Fato que corrobora para questionar a política territorial que em geral beneficia os latifundiários e nega à população tradicional o direito de acesso, uso e permanência no território.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **TEORIA & PESQUISA**, vol. XVI - nº 02 - jul/dez, pp. 95-110, 2007.
- ALMEIDA, A. W. B. de. Apresentação. *In*: SHIRAISHI NETO, J. (Org.). **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil**: declarações, convenções internacionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: UEA, 2007.
- APPADURAI, A. Introdução: mercadorias e a política de valor. *In*: APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BEZERRA, M. “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.** vol. 6, n. 1, pp: 57-70, 2011.
- BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. **Doc On-line**, n.03, pp. 137-157, 2007. Disponível em: www.doc.ubi.pt. Acesso em 20 jun. 2020.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. São Paulo: Editora da USP, 2016.
- BRASIL. Presidência da República. **DECRETO DE 20 DE MAIO DE 2005**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Dnn/Dnn10533.htm. Acesso em: 15 mar. 2020.
- CASTAÑEDA, Q. E. **The “Ethnographic Turn” in Archaeology**: Research Positioning and Reflexivity in Ethnographic Archaeologies, 2007. Disponível em: http://www.osea-cite.org/class/quetzil/QC2008_Ethnographic_Turn_Galleys.pdf. Acesso em 10 set.2014.
- COSTA, E. M. **MEMÓRIAS EM ESCAVAÇÕES**: Narrativas de Moradores do rio Mapuá sobre os Modos de Vida, Cultura Material e Preservação do Patrimônio Arqueológico (Marajó, PA, Brasil). 334 f. 2018. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GEERTZ, C. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HODER, I. **Interpretación en Arqueología**: Corrientes Actuales. Crítica, 1994.

HOLTORF, C. **Archaeology Is a Brand!**: The Meaning of Archaeology in Contemporary Popular Culture. Archaeopress. Oxford, 2007.

LATOURE, B. Entrevista Bruno Latour. Por Marcelo Fiorini. **Revista Cult, uol**, vol.132, 2009. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-bruno-latour/>. Acesso em 11 jun. 2015.

LIMA, F. A. de O. **Os soldados da Borracha**: das vivências do passado a lutas contemporâneas. Dissertação Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MACHADO, J. S. **Lugares de gente**: mulheres, plantas e rede de trocas no delta Amazônico. 350 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2013.

NORA, P. Entre História e Memória – a problemática dos lugares.

Projeto História 10, PUC-SP, pp. 7-28, 1993. Disponível em: www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf. Acesso em 18 fev. 2020.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SARRAF-PACHECO, A. **En el corazón de la Amazonia**: identidade, saberes e religiosidade no regime das águas. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História Social, Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RIZZINI, I.; CASTRO, M. R. de; SARTOR, C. S. D. **Pesquisando**: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SCHAAN, D. P. **Cultura Marajoara**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América latina 29, 31, 32, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 90, 92, 104, 105

Arqueologia Etnográfica 57, 58

Audiovisual 79, 80, 82, 86, 87

Autonomia cultural 33, 34

B

Brinquedo de cura 1, 4, 5, 6, 7, 9, 13

C

Colonialismo 31

Comunidade 1, 4, 8, 9, 11, 12, 21, 25, 26, 34, 35, 53, 59, 60

Comunidades tradicionais 2, 14, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 66

Conflito 16, 20, 23, 24, 25, 26, 92

Consumo cultural 90

Cosmologia 55, 61

Cultura 2, 2, 3, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 40, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 94, 102, 103, 104

Cultura material 62, 64, 65, 66, 67

Cultura midiática 79, 80, 81, 83

Cultura popular 3, 16, 20, 22, 23, 24

Culturas diferenciadas 30

D

Desenvolvimento local 32, 36, 37, 42, 44

Desenvolvimento sustentável 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Direito à diferença 29

Direitos humanos 33, 34, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 105

Discurso universalista 30

E

Ecosistemas 2, 3, 15

Educação 12, 14, 15, 20, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 78, 105

Estados multiculturais 29

Etnodesenvolvimento 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

F

Feira agroecológica 36, 37, 43

Fronteiras 44, 79, 80

H

Hibridização 16, 24

I

Identidade nacional 22, 89, 94, 98, 102

Identidades culturais 21, 89, 90

Imaginário 3, 8, 21, 60, 62, 63, 82, 89, 94, 100

Interculturalidade 49, 54

M

Manguezais 1, 2, 3, 5, 6, 9, 10, 14, 15

Memória 13, 20, 22, 23, 58, 60, 62, 66, 67, 68, 69, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 95, 98

Mercados alternativos 38

Mídia 22, 25, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 91, 98, 99, 100, 103, 105

Migração 43, 52, 54

Morte 51, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 91, 92

Multiculturalismo 20, 46, 47, 49, 50

N

Nações indígenas 56, 66

Narrativas 3, 55, 58, 59, 62, 66, 79, 80, 81, 83, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 102

Narrativas orais 55, 58, 59

Neocolonialismo na educação 49

P

Paradigma da complexidade 47

Paulo Freire 49

Periferia 16, 23, 25, 26, 105

Práticas materiais e simbólicas 55

Processo de produção 25, 42, 43

R

Relações de produção 41

Relações interétnicas 65

Relações sociais 19, 36, 37, 41, 42, 50

Religião afro-brasileira 2, 11, 13

Representações sociais 2, 1, 3, 8, 12, 14, 15, 89, 90

Ribeirinhos 33, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 65





T

Tambor de mina 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 13

Televisão brasileira 89, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 100, 103

Tempo 8, 10, 21, 22, 26, 40, 52, 53, 58, 61, 64, 69, 71, 76, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 94, 97, 99, 102

Territórios sagrados 62, 64

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2